

Dossiê Jacques Derrida

Editorial

O pensamento de Jacques Derrida tem se difundido por várias partes do mundo. A voz desse filósofo que propôs diálogos instigantes com a tradição ocidental, promovendo a decomposição do escopo metafísico, sustentando a problemática da alteridade como questão essencial, tem sido *auscultada* por uma infinidade de pensadores, poetas, escritores, estudiosos e pesquisadores ao longo dessas décadas marcadas pelo vigor da sua escrita pensante.

A partir do horizonte da desconstrução a trajetória do professor Derrida corresponde a uma significativa contribuição filosófica e intelectual, tornando o pensar contemporâneo mais fértil e produtivo através de uma intensa atividade de pensamento que, sem dúvida, transformou consideravelmente infundáveis concepções nos campos da filosofia, da literatura, da linguística, das artes, da política, da psicanálise e das ciências em geral. As suas incansáveis reflexões influenciaram diversas áreas do saber e, evidentemente, continuam influenciando.

Um dos nomes mais expressivos do pós-estruturalismo, Derrida atribui ao texto um valor imprescindível. Assim, a desconstrução só existe em função do texto, daquilo que se circunscreve no ato da escrita. Através de uma estratégia interpretativa dos escritos constantes na tradição ocidental interessa a Derrida visitar a linguagem presente nos textos da própria filosofia, atendo-se à maneira como esta expressa os seus conceitos. Esse empreendimento derridiano possibilitou a elaboração de uma crítica àquilo denominado pelo filósofo de *logocentrismo*, bem como a ruptura com as oposições binárias dele decorrentes. Porém, faz-se necessário ressaltar, conforme aponta Derrida, que a desconstrução não corresponde a um método, a uma medida meramente instrumental de operação da linguagem, mas a uma forma de promover o descentramento, visando desmontar a hegemonia discursiva da metafísica clássica.

Além disso, para esse pensador franco-argelino nascido em 1930, a escrita não pode ser concebida como representação da palavra oral. Conforme atesta, a tradição ocidental estabeleceu a predominância da fala sobre o registro escrito. Termos como *grammé*, *différance*, *khóra*, escritura, arqui-escrita, indecível, rastro, dentre outros, são recorrentes nos textos de Derrida, todos relacionados à necessidade de pôr em aberto aquilo que a cultura filosófica do ocidente teria deixado encoberto ou recalcado. A desconstrução não possui, no entanto, um sentido niilista, não sugere a destruição, mas um deslocamento, uma leitura-outra, uma

Poiesis: Revista de Filosofia, v. 15, n. 2, pp. 01-04, 2017.

desarticulação do próprio pensamento visando a obtenção de novos significados, sendo uma das suas inspirações a *Destruction (Abbau)* aludida por um dos seus mais importantes interlocutores, Martin Heidegger, em *Sein und Zeit*.

As posições políticas de Derrida, até mesmo em função da sua condição judaica, colocaram-no como um dos principais ativistas intelectuais do nosso tempo, aquele que se dedicou a pensar e a escrever acerca dos assombros do mundo. Exemplo disso são as suas reflexões atinentes à realidade dos negros da África do Sul, ao *apartheid* e à segregação racial.

Em 2004, ano do seu falecimento, Derrida esteve no Brasil, último país visitado pelo filósofo. Veio participar no Rio de Janeiro do Colóquio Internacional Jacques Derrida: Pensar a Desconstrução – Questões de Política, Ética e Estética. Nesse evento pronunciou a conferência “O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?”, traduzida do idioma francês para o português por Evando Nascimento e publicada numa coletânea contendo os textos apresentados, tendo, inclusive, como autores dois colaboradores desta edição do Volume 15, número 02, jul-dez/2017 da *Revista Poiesis*, Fernanda Bernardo e Alcides Cardoso dos Santos. Mais tarde, ou seja, em 2008, realizamos, na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes - um seminário em torno das relações entre filosofia e criação literária, sendo a obra e o pensamento de Derrida os assuntos centrais a partir do tema “Desconstrução e literatura”. Os pesquisadores Alcides Cardoso dos Santos e Evando Nascimento prestaram uma importante contribuição a esse seminário, ocasião em que discorreram sobre aspectos significativos das inquietações derridianas.

Agora, portanto, através da publicação do presente dossiê, estamos realizando uma segunda iniciativa de discussão em torno de Derrida, reunindo artigos de pesquisadores comprometidos com as vastas reflexões proporcionadas pelos seus escritos. Para abrir o dossiê, o texto de Fernanda Bernardo, nossa colaboradora internacional, cujo título “Do pensamento do ser ao pensamento do rastro: Derrida leitor de Heidegger – *Heidegger em França: um acontecimento incomparável*”, examina a leitura empreendida por Derrida acerca do pensamento de Heidegger com o intuito de apontar a desconstrução como um elemento essencial para marcar a singularidade da recepção do constructo heideggeriano na França. Em seu texto “Lendo poesia com Jacques Derrida: Mark Strand e a contemporaneidade”, Alcides Cardoso dos Santos analisa a contribuição do campo literário – elegendo, de maneira específica a poesia de Mark Strand -, na desconstrução das estruturas binárias de concepção do mundo.

Por sua vez, o artigo de autoria de Aparecido Donizete Rossi, intitulado “O horror da textualidade”, tendo como referências a desconstrução e o pós-estruturalismo, discute a textualidade ou gramatologia das trevas na ficção gótica da tradição e da escrita contemporânea. O texto assinado por Carla Rodrigues, “Como se não fosse literatura: Derrida, Nietzsche e a questão dos estilos”, estabelece aproximações entre as formas de concepção da linguagem nos escritos do jovem Nietzsche e em Derrida, proporcionando a este último acentuar ainda mais as relações da filosofia com a literatura, tendo como interlocução as bases teóricas do estruturalismo linguístico.

O artigo seguinte, “Alteridade em cena: a questão do animal em Auhasar Balthasar”, de Geraldo Magela Cáffaro, como o próprio título anuncia, desenvolve-se em torno da condição do animal não humano a partir do filme “Auhasar Balthasar”, de Robert Bresson, cuja inspiração alude-se às abordagens de Derrida sobre animalidade, linguagem, nomeação, dentre outros aspectos. Já Heiberle Hirsberg Horácio, no ensaio intitulado “Jacques Derrida, a desconstrução e a não identificação entre direito e justiça” apresenta o modo como o filósofo questiona o dogma que estabelece o direito como algo inerente à justiça e discute o fundamento místico da autoridade das leis.

A discussão acerca do modo como a mentira é produzida no âmbito das empresas jornalísticas detentoras das mídias tecnológicas encontra-se presente no artigo intitulado “A produção/fabricação da mentira pelas tecnologias midiáticas de comunicação: a pseudo-verdade”, de José Olímpio dos Santos Neto, sendo que para tal abordagem o autor remete-se às reflexões sobre a mentira apontadas por Derrida. O trabalho de autoria de Paulo César Silva de Oliveira, “Derrida e o pai: a desconstrução no horizonte do pensamento heideggeriano”, assinala a recepção crítica de Derrida – a partir da questão da *différance* - no tocante à obra filosófica de Heidegger.

Tendo como ponto de partida a conferência “Filosofia e antropologia” proferida por Derrida durante um colóquio internacional em 1968, Rozângela Gontijo, através do seu texto “O lugar do sujeito na desconstrução derridiana”, tematiza sobre a necessidade e urgência de se colocar a questão do sujeito no mundo por intermédio do desconstrucionismo.

A seção destinada à publicação de outros artigos contém cinco temáticas apresentadas por seus autores a partir de diferentes concepções filosóficas.

O artigo de Anelito de Oliveira, intitulado “O excesso de sentido: Paul Ricouer interpretando Merleau-Ponty” discute a questão da interpretação na contemporaneidade, enfatizando, sobretudo, a leitura de Paul Ricouer acerca da obra de Merleau-Ponty no que diz respeito à impossibilidade de contenção de um sentido excessivo por meio da linguagem. O texto “A universidade na era da técnica segundo Heidegger”, de autoria de Antônio Wagner, aborda o problema da predominância dos saberes técnicos sobre a noção de *alétheia* na universidade formando assim professores e pesquisadores envolvidos com a razão instrumental e calculadora, distanciados da perspectiva do ser e da verdade originária.

“A crítica descolonial em Enrique Dussel: desmitificação da modernidade europeia” é o título do texto de Cristina Borges, cujo conteúdo analisa o conceito de transmodernidade apresentado na Filosofia da Libertação do pensador latino-americano Enrique Dussel como crítica e superação da modernidade empreendida pelo continente europeu. Já o artigo de José Benedito de Almeida Júnior, “Análise da *Ficção ou peça alegórica sobre Deus e a revelação*, de Jean-Jacques Rousseau” aborda as reflexões presentes num ensaio de Rousseau sobre as limitações da filosofia e do racionalismo no tocante à possibilidade de evitar com que as pessoas se percam nas ilusões do mundo, sendo a religião a única capaz de exercer esse papel, pois a filosofia causa angústia e incertezas.

O texto assinado por Valdirlen do Nascimento Loyolla que tem como título “Epistemologias naturalistas como meio de superação da abordagem normativa do conhecimento”, examina as contraposições epistemológicas desenvolvidas no escopo do pensamento contemporâneo relacionadas ao conhecimento científico a partir das abordagens prescritiva e descritiva.

Por fim, manifestamos os nossos agradecimentos aos colaboradores desta edição e desejamos a todos os possíveis leitores profícuas reflexões.

Antônio Wagner
Organizador